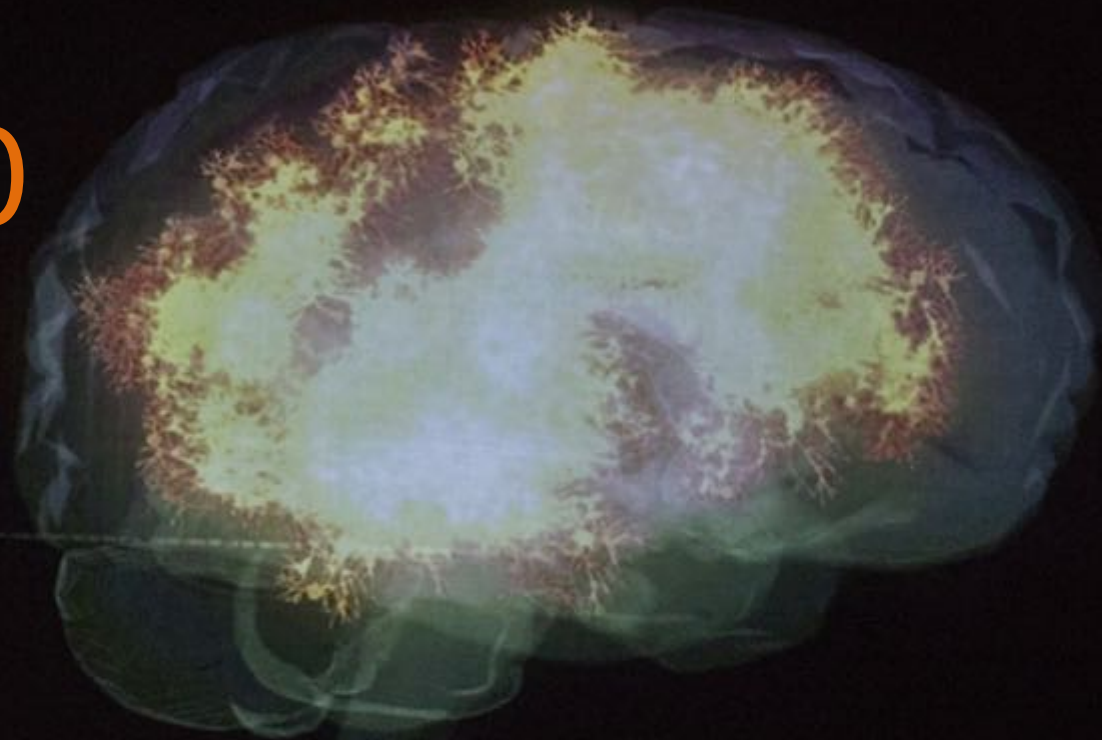


Tchekhov

é um **COGUMELO**



Melhor Espetáculo de 2017 – indicação pelo Prêmio APCA

Indicado ao Prêmio SHELL 2017 de Melhor Música

Avaliado como um dos 3 Melhores Espetáculos de 2017 pelo júri da crítica do Jornal Folha de SP



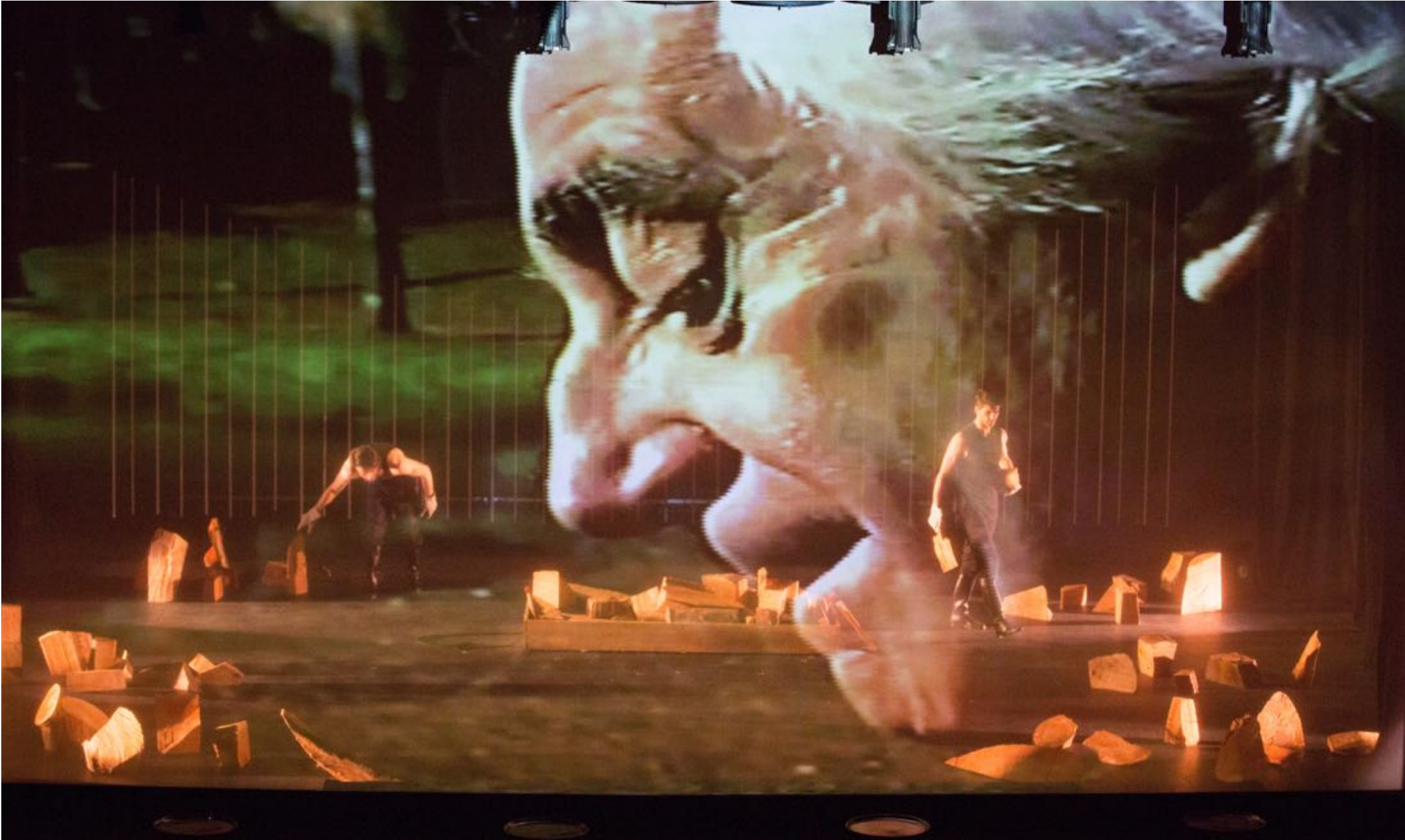
















O Estúdio Lusco-Fusco apresenta TCHEKHOV É UM COGUMELO, espetáculo que combina ficção, neurociência e memória, para abordar por múltiplos ângulos e linguagens o universo da peça “As Três Irmãs” de Anton Tchekhov. Em uma síntese livre da peça original, espécie de *haikai* das Três Irmãs, são abordados temas como apatia, caos, esperança e desejo de mudança, ecoando as contradições do tempo presente. A montagem marca os 10 anos da Cia. Estúdio Lusco-Fusco.

O espetáculo estreou no Teatro Anchieta – SESC Consolação em São Paulo, Brasil, em temporada de 25 de agosto a 8 de outubro de 2017, com excelente repercussão de crítica e público. Nos dias 13 e 14 de outubro a montagem foi apresentada no Teatro SESC Santos, abrindo a turnê nacional.

Em cena, as premiadas atrizes Helena Ignez, Djin Sganzerla e Michele Matalon, atrizes de gerações distintas, criam um jogo cênico que embaralha os diversos tempos - são três irmãs ou a mesma mulher em três tempos da vida? O cantor Roberto Moura, que canta ao vivo músicas tradicionais do leste europeu, e os dançarinos Samuel Kavalerski e Fernando Rocha completam o elenco. Há ainda a participação do grupo de jovens músicos Os Embatucadores, que invadem o palco ao final do espetáculo.

Durante a apresentação, o diretor André Guerreiro Lopes interfere de forma inusitada no espetáculo. Sentado em silêncio, vestindo um capacete de eletrodos, sua atividade cerebral, emoções e ondas mentais são captadas e transformadas em impulsos elétricos que acionam ao vivo uma instalação sonora e visual criada pelo músico Gregory Slivar. A atividade invisível da mente do diretor controla frequências que vibram poças d’ água e tocam sinos, interferindo na ação.

Cenas de uma rara videoentrevista gravada em 1995 com o diretor de teatro José Celso Martinez Corrêa sobre os bastidores da histórica montagem de *As Três Irmãs* no Teatro Oficina em 1972 são projetadas ao vivo, completando o jogo entre os tempos e o mosaico desta experiência teatral. A entrevista foi gravada pelo próprio diretor de TCHEKHOV É UM COGUMELO, na época um jovem estudante de teatro, e relata um processo de criação radical que envolveu o uso de alucinógenos e representou a ruptura do grupo, em plena ditadura brasileira.

"...uma delicada viagem pelo tempo que resulta em dos mais belos espetáculos presentes em nossa cena. Imperdível!"

José Cetra Filho - Palco Paulistano, Jurado APCA SP

"Belíssimo, alusivo, tchekhoviano, na sua névoa de irrealidade, de memória e de projeto."

Marcelo Coelho, Folha de SP

FICHA TÉCNICA - TCHEKHOV É UM COGUMELO

Direção, Concepção e Adaptação - ANDRÉ GUERREIRO LOPES

Texto - EXTRATOS DE “AS TRÊS IRMÃS” DE ANTON TCHEKHOV

Elenco - DJIN SGANZERLA, HELENA IGNEZ, MICHELE MATALON,
ROBERTO MOURA, SAMUEL KAVALERSKI E FERNANDO ROCHA

Cenário e Figurinos - SIMONE MINA

Direção Musical e Instalação Sonora - GREGORY SLIVAR

Iluminação - MARCELO LAZZARATTO

Assistente de Direção e Direção de Cena - RAFAEL BICUDO

Preparação de Canto e Músicas Tradicionais - ROBERTO MOURA

Participação Especial – GRUPO EMBATUCADORES

Produção Executiva - MELISSA OLIVEIRA

Direção de Produção - DJIN SGANZERLA / ESTÚDIO LUSCO-FUSCO PRODUÇÕES LTDA.

DURAÇÃO: 90 minutos / Faixa etária: 14 anos

ESTÚDIO LUSCO-FUSCO – 10 ANOS - www.luscofusco.art.br

TCHEKHOV É UM COGUMELO celebra os 10 anos do Estúdio Lusco-fusco, cia. teatral criada em 2007 por André Guerreiro Lopes e Djin Sganzerla. O núcleo de criação conta com parceiros das mais diversas áreas artísticas, como artes cênicas, dança, artes visuais e cinema. O repertório da companhia foi apresentado em diversas cidades do Brasil e importantes festivais como Cena Brasil Internacional RJ e Festival de Dança de Londrina. A busca por narrativas originais para abordar temas contemporâneos e o diluir das fronteiras entre as linguagens artísticas são fontes constantes de inspiração, em espetáculos como A MELANCOLIA DE PANDORA (2016), com direção de Steven Wasson e André Guerreiro Lopes, parceria entre as Cias. BR 116, Lusco-fusco e Theatre de l’Ange Fou (EUA) com Bete Coelho, Djin Sganzerla, André Guerreiro Lopes e Ricardo Bittencourt; ILHADA EM MIM – SYLVIA PLATH (2014), indicado ao Prêmio APCA de Melhor Direção; O LIVRO DA GRANDE DESORDEM E DA INFINITA COERÊNCIA (2013), a partir das obras Inferno e Um Sonho de A. Strindberg, eleito pelos críticos paulistas como o Segundo Melhor Espetáculo do ano em avaliação do Jornal Folha de SP; O BELO INDIFERENTE de Jean Cocteau (2011); ESTRANHO FAMILIAR (2010), a partir do conto O Espelho de Guimarães Rosa; TRAGICOMÉDIA DE UM HOMEM MISÓGINO, de Evaldo Mocarzel (2009); UM SONHO, de A. Strindberg (2007).

BIO RESUMIDA – direção e elenco

André Guerreiro Lopes é diretor e ator, diretor artístico do Estúdio Lusco-fusco. Em seus trabalhos explora a intersecção de múltiplas linguagens, como teatro físico, cinema e artes visuais, como nos espetáculos *Ilhada em Mim – Sylvia Plath*, *O Livro da Grande Desordem e da Infinita Coerência* e o *Projeto Olho-Urubu Festival Mirada – SESC TV*. Foi indicado ao Prêmio APCA de Melhor Direção e recebeu o prêmio de Melhor Ator no Festival Internacional de Cinema Fronteira. Por cinco anos foi membro da Cia. Theatre de l'Ange Fou em Londres, apresentando-se em cidades da Europa, Israel e Brasil. Como cineasta, dirigiu, entre outros, o premiado *Voo de Tulugaq*. Atuou em diversos espetáculos teatrais, filmes e séries de TV. Foi membro da Cia. do Latão e do CPT de Antunes Filho por um ano. Formou-se pela ECA-USP, no Teatro Célia Helena e na Ecole de Mime Corporel Dramatique de Londres. É assistente de direção brasileiro do diretor Robert Wilson, nas montagens *A Dama do Mar* e *Garrincha – Uma Ópera das Ruas*.

Djin Sganzerla É atriz e produtora, co-fundadora da Lusco-fusco. Recebeu, entre outros prêmios, o *APCA de Melhor Atriz de Cinema*, *Melhor Atriz no 12º Festival de Cinema Luso Brasileiro* em Portugal e *Melhor Atriz Coadjuvante no 39º Festival de Cinema de Brasília*. Atua nos espetáculos da Cia. Lusco-fusco e como atriz convidada em teatro, cinema e TV. Trabalhou com diretores como Antonio Abujamra, em *O Que é Bom em Segredo é Melhor em Público*, Zé Celso Martinez Corrêa, em *Cacilda!*, Rogério Sganzerla, em *Savannah Bay*, Samir Yazbek e Helio Cícero, em *Frank-1*, Steven Wasson (*Theatre de l'Ange Fou -EUA*) em *A Melancolia de Pandora*, entre outros. Sob a direção de André G. Lopes atuou em *Ilhada em Mim- Sylvia Plath*, *O Livro da Grande Desordem*, *O Belo Indiferente*, entre outros, e co-dirigiu o *Estranho Familiar*. Em cinema atuou em mais de quinze longas metragens, com diretores como: Carlos Reichenbach, Paulo Cesar Saraceni, Helena Ignez, Julio Bressane, Rogério Sganzerla, Bruno Safadi, Eduardo Belmonte, Ivan Cardoso, o diretor português Rodrigo Areias, entre outros.

Helena Ignez Helena Ignez começou no teatro em 1960 em Salvador na antológica montagem de *A Ópera dos Três Tostões* de Bertolt Brecht dirigida por Martim Gonçalves com cenários de Lina Bo Bardi, com Eugenio Kusnet como protagonista. Trabalhou como atriz com alguns dos mais importantes diretores como Judith Malina, Ziembinski, Antônio Abujamra. Atuou em *Os Sete Afluentes do Rio Ota*, de Monique Gardenberg. Atuou em *Vestido de Noiva* e *Pessoas Sublimes*, em 2016, com *Os Satyros*, direção de Rodolfo Vázquez. Dirigiu *Savannah Bay* de Marguerite Duras e *Cabaret Rimbaud - Uma Temporada no Inferno* de sua autoria para o Festival de Artes em Barcelona. Em cinema dirigiu, entre outros filmes, *Canção de Baal*, vencedor do Prêmio de Melhor Filme pelo Júri da Crítica no Festival de Gramado 2009; *Luz nas Trevas*, Prêmio da Crítica Boccacino d'Oro de Melhor Filme no Festival de Cinema de Locarno e *Ralé*, vencedor do prêmio Melhor Direção no 23º Festival Mix Brasil em 2016. Seu próximo filme *A Moça do Calendário*, com roteiro de Rogério Sganzerla, terá exibição em 2017. Helena recebeu homenagens em festivais como no 20º Fribourg International Film Festival, na Suíça, com a Mostra La Femme du Bandit e no 17º Kerala International Film Festival, na Índia, além de ser a homenageada deste ano do Grande Prêmio do Cinema Brasileiro.

Michele Matalon trabalhou como atriz, bailarina e produtora com o Grupo Marzipan, nos espetáculos *Marzipan 2015*, *Tico-Tico*, *Marzipan Dança*, *Palimpseto*, *Manos Arriba*. Atuou nos espetáculos *O Percevejo* direção Luis Antonio Martinez Correa, *Tratar com Murdock* com direção de José Possi Neto, em *Pentesilías*, direção de Daniela Thomas e Bete Coelho, e nos seguintes espetáculos de Gerald Thomas *Império Das Meias Verdades*, *Saints and Clowns*, *Morte*, além de produzir *The Flash and Crash Days*. Codirigiu com Monique Gardenberg os espetáculos *O Desaparecimento do Elefante*, *Inverno na Luz Vermelha*, *Um Dia No Verão* e *Os Sete Afluentes Do Rio Ota*. No cinema, foi diretora assistente de projetos como *A Moça do Calendário*, *Ralé*, *Luz Nas Trevas*, *Poder dos Afetos* e *Canção de Baal*, de Helena Ignez e do longa *Ó Paí Ó*, de Monique Gardenberg.

Roberto Moura é natural de Santos, estudou canto na Escola de Belas Artes do Paraná e no Conservatório de Lausanne, Suíça. Formado pela Universidade de Paris XI em música e pelo instituto Ifeld de Lyon no Método Feldenkrais. Trabalhou como professor de canto e regente de corais na França. Artista convidado do Festival de Outono de Patrimoniú, Córsega, festival voltado para a prática de cantos de tradição oral, atuando como cantor e professor de canto. Foi preparador vocal do Musical *Garrincha* dirigido por Bob Wilson.

Samuel Kavalerski é bailarino, coreógrafo e artista visual. É professor e ensaiador do Corpo Jovem da Escola de Dança do Theatro Municipal de São Paulo. Dirigiu e atuou em *Céu de Espelhos*, projeto vencedor do 20º Cultura Inglesa Festival, e recebeu uma indicação ao prêmio de melhor interpretação da APCA em 2016. Foi solista da São Paulo Cia. de Dança, integrou o elenco da Quasar Cia de Dança, de Goiânia, e o Balé Teatro Guaíra, de Curitiba.

Fernando Rocha é ator e bailarino, foi integrante do Balé da Cidade de São Paulo com direção de Mônica Mignon. Fez o curso profissionalizante da Escola Célia Helena de Teatro e em 2012 ingressou para o Grupo Tapa. Fez mais de 10 peças de Teatro musical. Seus últimos trabalhos em teatro foram: *Esplêndidos*, de Jean Genet, com Dir. de Eduardo Tolentino, *A Máquina Tchekhov*, com Dir. de Denise Weinberg e Clara Carvalho, *Cenas de Uma Execução*, com dir. de Clarisse Abujamra, e *Luzes do Ocaso*, com dir. de Neyde Veneziano.

CLIPPING DE IMPRENSA

Tchekhov é um Cogumelo

Temporada no Teatro Anchieta – SESC Consolação, São Paulo
7 semanas - 25 de agosto a 8 de outubro de 2017

Teatro SESC Santos dias 13 e 14 de outubro de 2017

Festival Cena Brasil Internacional – Rio de Janeiro – junho de 2018

Temporada Centro Cultural Banco do Brasil-Rio de Janeiro, 20 de junho a 22 de julho de 2018

HÁ MUTTAS e boas receitas para fazer uma peça de teatro não dar certo. Uma delas, sem dúvida, é projetar filmes e vídeos no palco.

As imagens em geral ficam péssimas, a iluminação de cena atrapalha, os atores se superpõem à tela, e a mistura de linguagens tira o efeito que cada uma, isoladamente, poderia produzir.

Felizmente, nada deu errado em “Tchékhov É um Cogumelo”, espetáculo de grande apuro visual dirigido por André Guerreiro Lopes, do Estúdio Lusco-Fusco, em cartaz no Sesc Consolação até dia 8 de outubro.

No teatro completamente escuro, vemos projetada uma imagem indistinta, que a princípio parece ser a nuvem de uma explosão atômica.

Na verdade, estamos vendo imagens eletrônicas do cérebro do diretor, que se conectou com um computador em cena e entrou em estado de meditação.

Loucurada? Nem um pouco. Tudo é organizadíssimo, claro e simétrico nesta peça, em que Helena Ignez, Muriel Matalon e Djin Sganzerla encarnam as “três irmãs” do clássico de Anton Tchêkhov (1860-1904).

Mas vamos com calma. Há muitas camadas de sentido no espetáculo, que, apesar de curto (80 min), procede sem atropelo.

Tchékhov é encenado com frequência no Brasil. Como retrata a pasmaceira, o tédio, a angústia da classe privilegiada na Rússia, pouco tempo antes das revoluções que iriam abalá-la, sempre existe a tentação de fazer um paralelo com a situação brasileira, em que os hori-

zontes políticos volta e meia parecem fechar-se na indiferença e na inatividade.

Isso é o que se sente agora, e se sentia provavelmente em 1972, quando José Celso Martinez Corrêa e Renato Borghi preparavam uma montagem de “As Três Irmãs”. No dia da estreia, abriu-se um desentendimento estético entre os dois.

Surge outra projeção no palco do Sesc: trata-se de um vídeo, feito há mais de 20 anos, com a entrevista que José Celso concedeu ao diretor de “Tchékhov É um Cogumelo”. André Guerreiro Lopes, ainda estudante na época, ouve uma delicada explicação sobre o que aconteceu naquela noite de estreia.

A peça que não houve

MARCELO COELHO



Luli Penna

‘Tchékhov É um Cogumelo’ apresenta clássico teatral como memória de uma encenação interrompida

Rompera-se, diz José Celso, o círculo de afetos que sustentava a companhia teatral. Ele se encaminharia mais e mais para a ideia de um teatro “sagrado”, em que a cena conclamasse poderes misteriosos de transformação —aqueles que a Revolução Russa negligenciou, fracassando por isso.

O autoconhecimento pelas drogas, o xamanismo, a forças da natureza e do sobrenatural agiriam por mecanismos a que o “teatro

profano” —o defendido pela outra metade da companhia— seria incapaz de ter acesso.

Seria possível apostar, agora, numa montagem de “As Três Irmãs”, depois do espetáculo que se frustrou nos anos 1970?

De tanto que já se montou Tchêkhov no Brasil, não valeria a pena repetir a mesma ideia —russos ou brasileiros sofrendo no ócio às vésperas da convulsão.

No Sesc, reduziu-se a peça a algumas falas essenciais, recitadas num jogral preciso pelas três personagens principais. Não é por acaso que, com 40 e 20 anos de diferença de idade, as atrizes pareçam de fato irmãs.

É que, entre 1970 e 2017, o tempo

de certa forma não passou; pelo menos, nenhuma revolução aconteceu. Em vez de encenar de novo uma profecia, montou-se a memória dessa profecia —aquilo que sobra da peça na cabeça do espectador, depois de um bom tempo sem vê-la.

O tempo não passa, diz o programa de “Tchékhov É um Cogumelo”, citando um sábio budista do século 13. O tempo não “foge”: está dentro de nós.

Na peça, as irmãs imaginam que, depois de uma vida obscura, serão esquecidas para sempre. Todavia, renascem em cada montagem que se faz do texto.

Essa perpetuação depende, se quisermos falar como budistas, de uma “anulação do eu”: diretor e atrizes se deixam levar pelo transe do tempo cênico.

Em que medida, entretanto, esse ideal pode se conciliar com o imperativo, tão pouco budista e tão revolucionário, do desejo? Querer ou não querer, eis a questão. Não sei se a peça resolve esse problema.

Arrisco, entretanto, uma hipótese geral. É sempre tão difícil montar uma peça, nas condições de hoje, que a dimensão da utopia parece ter-se desligado de qualquer projeto político mais amplo. A energia e a esperança se voltam para o objetivo de fazer o próprio espetáculo.

“As Três Irmãs”, a peça que não se fez, toma-se o tema do espetáculo em cartaz no Sesc: belíssimo, alusivo, tchekhoviano, na sua névoa de irrealidade, de memória e de projeto.

coelho@folha.com.br

CRÍTICA

Peça híbrida convida público a experiência com o tempo

Lenise Pinheiro/Folhapress



Espectáculo 'Tchekhov é um Cogumelo' é exibido no Sesc Consolação

MARIANA DELFINI
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

15/09/2017 © 01h00

TCHÉKHOV É UM COGUMELO (muito bom)

QUANDO sex. e sáb., às 21h; dom. e feriado, às 18h;
até 8/10

ONDE Sesc Consolação - Teatro Anchieta, r. Dr. Vila
Nova, 245, tel. (11) 3234-3000

QUANTO R\$ 12 a R\$ 40

CLASSIFICAÇÃO 14 anos

★

O hibridismo, termo da moda que descreve a combinação de diferentes linguagens nas artes contemporâneas, chama a atenção logo de saída em "Tchékhov É um Cogumelo". Performance, instalação sonora, vídeo e encenação teatral são os recursos de que lança mão o espetáculo concebido e dirigido por André Guerreiro Lopes.

O arranjo se arrisca a exagerar na excentricidade e ambição quando se somam a ele referências à meditação e à neurociência. Tal estranhamento, no entanto, aos poucos se dissipa, à medida que os vários elementos se acomodam em torno da figura do diretor e da experiência com o tempo.

Ele está em cena, meditando na lateral do palco. Suas ondas cerebrais, captadas por um capacete, disparam uma instalação sonora que pretende interferir em duas narrativas intercaladas.

Na primeira, um vídeo de 1995, o encenador José Celso Martinez Corrêa rememora a montagem de "As Três Irmãs", de Tchékhov, pelo Teatro Oficina nos anos 1970 –quando os ensaios transcorreram ao sabor de substâncias alucinógenas. A segunda narrativa é a encenação do texto do dramaturgo russo, que acontece atrás da tela sobre a qual o vídeo é projetado.

A mente e a memória de Guerreiro Lopes envolvem ambas. No início da peça, um texto explica a proximidade entre alucinógenos e meditação quanto aos efeitos na "consciência de si". A encenação então conjuga a meditação que o diretor pratica com a entrevista com Zé Celso no passado e ainda com suas experiências –por exemplo, como assistente do diretor americano Bob Wilson.

A encenação do clássico russo é o segmento mais bem-sucedido do espetáculo, sem que se desprezem as inspiradas reflexões de Zé Celso. Elegeram-se algumas cenas do texto de Tchékhov, apresentadas como quadros quase estáticos, de grande beleza plástica. Em outros momentos, a voz é o foco, a partir de jogos com ritmo e repetição.

A gestualidade marcada das ótimas atrizes (Helena Ignez, Djin Sganzerla e Michele Matalon), a iluminação que recorta espaços no palco e a descontinuidade das cenas são alguns traços do chamado teatro pós-dramático, em voga desde os anos 1970.

Aplicados a esse texto de Tchékhov –que, como já se disse, apresenta a crise do diálogo e da ação que corroe o drama como gênero teatral–, tais recursos dão materialidade ao presente arrastado das três irmãs, que sonham com a vida em Moscou.

A semelhança na caracterização das atrizes, de longos cabelos e vestidos, por vezes funde as irmãs em uma mulher só, sem idade. O isolamento das personagens, encerradas em seus monólogos, atinge sua expressão mais pungente na distribuição esparsa dos atores pelo palco em uma das cenas finais.

O espectador passa a integrar, então, a experiência do tempo dilatado, desde que também consiga fugir da "consciência do eu", mergulhando nas camadas da peça com sua percepção. ★ ★ ★

Adaptação de Tchékhov mistura memórias e 3 gerações de atrizes

Em 'As Três Irmãs', diretor André Guerreiro Lopes usa capacete para ativar elementos da cena

Além do instrumento que capta onda cerebral, peça usa como pano de fundo entrevista com Zé Celso sobre alucinógeno

MARIA LUÍSA BARSANELLI
DE SÃO PAULO

Para retratar uma gama de memórias, André Guerreiro Lopes decidiu ser, ele próprio, um elo entre essas lembranças. Em "Tchékhov É um Cogumelo", peça em cartaz em São Paulo, o diretor cria um espetáculo em camadas.

Trata-se de uma adaptação da obra "As Três Irmãs", de Tchékhov, mas também do encontro entre três gerações de atrizes (Helena Ignez, Djin Sganzerla e Michele Matalon) e do resgate de uma entrevista em vídeo que Lopes fez em 1995, quando ainda era estudante, com o diretor Zé Celso.

É Lopes quem conecta todos esses estratos; mais precisamente, sua mente: sentado na lateral do palco, ele medita utilizando uma espécie de capacete com eletrodos.

A engenhoca criada por Gregory Slivar capta sua atividade cerebral, ativando elementos da cena, como caixas de som. As bacias d'água sobre as caixas se movem, criando desenhos de luz no palco.

A alusão à mente não está apenas ligada às lembranças mas também a questões levantadas por Zé Celso na entrevista de 1995. Na ocasião, sentado sobre a grama do par-

que Ibirapuera, em São Paulo, ele discute a montagem de seu Teatro Oficina para "As Três Irmãs", em 1972, quando se fez uso de alucinógenos como a mesalina.

Lopes relacionou isso à meditação (que pratica há 20 anos) depois de ver um estudo que comparava o estado meditativo de monges budistas com o efeito de alucinógenos. "Eles ativam as mesmas áreas do cérebro", diz.

Trechos do vídeo com o diretor do Oficina são projetados numa tela translúcida à frente do palco e alternam-se com as cenas ao fundo, com o elenco do espetáculo.

Estas, criadas a partir de improvisos com Djin, Helena e Michele, trazem diálogos de "As Três Irmãs", movimentos coreografados (acompanhados pelos bailarinos Samuel Kavalerski e Fernando Rocha) e cantos tradicionais russos.

O cenário, com tubos ao fundo e pendendo do teto, lembra instrumentos musi-

cais e também elementos da natureza, aos quais Tchékhov alude em seu texto e sobre os quais Zé Celso comenta no vídeo —é dele, por sinal, a frase que dá nome à peça; em dado momento, diz que Tchékhov, por sua relação com o meio ambiente, "é como uma planta, um cogumelo".

São imagens sensoriais, pouco diretas, mas que remetem ao estado de apatia das protagonistas da peça tchechoviana —que sonham, mas nunca conseguem sair da província e partir para Moscou.

"O espetáculo vem também de uma grande inquietação com tudo o que a gente está vivendo no país, um desânimo com essa crise institucional", afirma o diretor.

Mas Lopes coloca uma ponta de esperança na montagem. Os mascarados, espécie de sombra que ronda as irmãs de Tchékhov, dando a sensação de que irão invadir sua casa (mas nunca o fazem), aqui são representados por jovens do projeto Embatucadores, que fazem música com materiais recicláveis no Jardim Vista Alegre, zona norte paulistana.

Eles, sim, "invadem" o palco tocando seus instrumentos de garrafas e tambores. Porém, não soam como ameaça, mas como novos ventos.

TCHÉKHOV É UM COGUMELO

QUANDO sex. e sáb., às 21h, dom. e feriados, às 18h; até 8/10
ONDE Sesc Consolação, r. Dr. Villa Nova, 245, tel. (11) 3234-3000
QUANTO R\$ 12 a R\$ 40
CLASSIFICAÇÃO 14 anos



Lenise Pinheiro/Folhapress

Diretor usa equipamento que capta atividade cerebral

“O espetáculo vem também de uma grande inquietação com tudo o que a gente está vivendo no país, um desânimo com essa crise institucional

ANDRÉ GUERREIRO LOPES
diretor

TEATRO

Bruno Machado

AVALIADAS

Mulheres em três tempos

☆☆☆ Em 1995, o diretor André Guerreiro Lopes, então um estudante de artes cênicas, entrevistou Zé Celso Martinez Corrêa sobre a sua encenação para o clássico *As Três Irmãs*, realizada em 1972. O vídeo, que é apresentado ao público, serve de ponto de partida para **Tchekhov É um Cogumelo**. Na atual montagem, Lopes dialoga com o estilo do mentor do Teatro Oficina e mescla diferentes temas e linguagens — de alucinógenos à neurociência, da instalação à dança — para tratar de três mulheres confrontadas com a passagem do tempo. Djin Sganzerla, Helena Ignez e Michele Matalon enchem o palco no espetáculo, que usa a peça do russo Anton Tchekhov como um pretexto para a criação de potentes imagens. As noções de passado, presente e futuro representadas pelo trio ainda ecoam referências de artistas contemporâneos, como o cineasta David Lynch e a performer Marina Abramovic (120min). 14 anos. Estreou em 25/8/2017. *Teatro Anchieta — Sesc Consolação*. Rua Doutor Vila Nova, 245, Vila Buarque. Sexta e sábado, 21h; domingo, 18h. R\$ 40,00. Até 8 de outubro.



Michele, Helena e Djin: *As Três Irmãs* é o ponto de partida

ANDRÉ GUERREIRO LOPES

Teatro Estreia

Leandro Nizca

Nos anos 1970, quando o diretor Zé Celso caminhava pela praia sob efeito de alucinógenos – a mescalina, uma substância extraída do cacto peiote –, ele se deparou com uma gaivota morta. O animal era real e estava inanimado mesmo, mas o que o diretor percebeu a seguir foi capaz de impulsionar a concepção de *As Três Irmãs*, peça de Anton Chekhov, pelo Teatro Oficina, em 1972. Parte desse relato gravado em uma entrevista no ano de 1995 pelo então jovem estudante André Guerreiro Lopes está presente em *Chekhov É Um Cogumelo*, peça encenada pelo diretor e que estreia nesta sexta, 25, no Sesc Consolação.

É bom preparar os sentidos para encarar uma montagem que oferece bem mais que um ouvir um texto clássico. A peça coloca a narrativa do dramaturgo russo no mesmo patamar que o trabalho da iluminação, da cenografia e até mesmo do desempenho das atrizes Helena Ignez, Djin Sganzerla e Michele Matalon. Essa igualdade dos elementos é chamada por muitos de Teatro Total, no qual a experiência teatral não é mediada pelo texto, comum em obras verborrágicas ou de teatro gestual que, nesse caso, abole a palavra falada. “Busquei um espaço para que o público se encalxasse, atraído por sua condição singular de espectador”, afirma o diretor. “Na peça, o cenário é texto, a luz é texto, o texto também é texto junto com as projeções, o que faz dessa experiência algo que só pode ser visto no teatro.”

Por outro lado, ele afirma que a encenação, que por vezes beira a uma instalação com performances, conquistou uma concretude por perseguir um modo mais tradicional de encarar os textos de Chekhov no mundo. “Os elementos cenográficos no palco são concretos, eles existem e estão lá. A fuga está no acúmulo de solidão, com pessoas sozinhas, em grupo.”

Ondas. Diretor fica em cena moldando imagens



Sabor de mescalina

Em cena, o trio sobrevive num passado que existe na memória de sua infância em Moscou. A lembrança doce atiza o presente e provoca o desejo por retornar à capital distante na expectativa de que o destino das irmãs seja mudado. O cantor Roberto Moura para com o trio e os bailarinos Samuel Kavalerski e Fernando Rocha surgem para ameaçar a urgência da família. No proscênio, o diretor acompanha a peça usando um capacete de eletrodos que movimenta uma instalação sonora

(leia ao lado). Lascas de madeira e varas de cobre distorcem a perspectiva da caixa cênica quando são balançadas por Djin. “É uma história em que sobram apatia e falta de esperança”, diz Lopes.

Para Helena, entender o tamanho da empreitada permitiu uma criação particular. “Desenvolvemos uma consciência cênica para interagir melhor com o conjunto”, explica, enquanto comemora a recente seleção de seu filme, *A Moça do Calendário*, para o Festival de Cinema de

Brasília. “O texto na peça está em lugar de um intimismo e a expressividade do ator passa pelo corpo e pela voz.”

A importância do vídeo com o diretor do Oficina – que, na conversa, acaba batizando, sem saber, o nome da peça – recupe-

CHEKHOV É UM COGUMELO
Sesc Consolação. Rua Dr. Vila Nova, 245. Tel.: 3234-3000.
6ª. sáb., 21h. Dom., 18h. R\$ 40.
Estreia hoje (25/8). **Até 8/10**

‘As Três Irmãs’ ganha versão com traquitana controlada por ondas mentais e Zé Celso falando sobre alucinógenos

ra uma memória que confirma o período mais crítico para as artes no País. “Depois que muitos artistas se exilaram, Zé Celso continuou aqui segurando a barra na ditadura e liderando o desbunde que foi a reação política”, acrescenta Helena. Para Lopes, o momento atual de desmonte da cultura coloca o diretor do Oficina como ícone de resistência. “Ele se tornou patrimônio de todos nós. Ao contar como foi a criação de seu espetáculo, ele ultrapassou o tempo e nos ajudou a sonhar com o futuro.”

Peça movida pelo poder da mente

Diretor usa um capacete com eletrodos que move uma instalação sonora; no final, trupe musical invade o palco

Ansiiedade é uma coisa que, além de não fazer bem à saúde, não serve para nada, muito menos para as artes. Isso fica claro quando o diretor André Guerreiro Lopes veste um capacete com eletrodos e informa que suas ondas mentais vão interagir com uma instalação sonora criada para o espetáculo. Mesmo sendo um dia de ensaio, nada pode acontecer também.

Antes de se acomodar no proscênio, em posição de meditação, ele enche quatro bandejas com água. Cada uma está ligada a um alto-falante de carro. O sistema desenvolvido pelo diretor musical Gregory Slivar captura as atividades mentais geradas pelo cérebro do diretor e as encaminha na forma de vibração. Ao lado, um conjunto com tubos de metal também está conectado, pronto para ser acionado pelo mente de Lopes.

A peça prossegue com um trilha sonora que não parecer vir de lugar nenhum, talvez das coxias. A autoria é dos Embatucadores, projeto social de música com jovens do Jardim Vista Alegre, zona norte de São Paulo. “Foi com eles que descobri que a peça não poderia terminar sem um futuro de esperança”, explica Lopes, que conheceu o projeto num domingo na Avenida Paulista. “A presença deles não se trata de uma trilha sonora nem de tecnologia. É algo que nem o teatro seria capaz de fazer.”/L.M

Espectáculos ressaltam o viés político de autores russos

No centenário da Revolução Russa, montagens em SP adaptam dramaturgias de Tchêkhov e poemas Maiakóvski

MARIA LUÍSA BARSANELLI
DE SÃO PAULO

No ano de celebração do centenário da Revolução Russa, o teatro se volta a autores do país. Em especial, debruça-se sobre o viés político de algumas obras e sobre como alguns escritos do início do século 20 ecoam ainda hoje.

"A Pienos Pulmões", em cartaz no CCBB paulistano, se apoia nos versos de Vladimir Maiakóvski (1893-1930), "o poeta da revolução, mas também um revolucionário da linguagem e da poesia", segundo a diretora Marcia Abujamra, que também assina o roteiro do espetáculo.

O ator Luciano Chirolli interpreta o poeta, ressaltando como Maiakóvski, um militante político que produzia cartazes para o regime, também conseguia viver a poesia.

Ele é acompanhado no palco por Georgette Fadel, que ora faz o papel das mulheres do autor, ora de uma leitora contemporânea do poeta. "Queríamos contextualizar o momento político em que ele vivia", conta Abujamra.

"É muito louca a atualidade dele", diz ela, que compara o tempo do poeta ao de hoje. "A gente também está vivendo um grande momento de crise e transformação."

"O momento político hoje é muito parecido com o daquela época, de ascensão e esperança de um poder político e [posterior] decepção com ele", afirma Chirolli, referindo-se aos anos de PT.

JARDIM

A crise do poder político também é o tema de "Kiev", que o diretor Roberto Alvim estreia esta semana. É uma montagem da obra do uruguaio Sérgio Blanco, que faz uma espécie de continuação de "O Jardim das Cerejeiras", de Anton Tchêkhov (1860-1904), retrato do declínio da aristocracia.

Blanco coloca o texto cem anos após a obra do russo. Passado o mandato de Stálin, uma família retorna a uma das casas de veraneio que, no original tchekhoviano, derrubou um campo de cerejeiras.

Ali, se depara com as atrocidades do regime —como uma pilha de corpos na piscina da casa—, mas fecha os olhos para a violência e os males do stalinismo.



Michele (alto), Helena e Djin em 'Tchêkhov'



Juliana Galdino e Otávio Martins em 'Kiev'



Luciano Chirolli e Georgette Fadel são Maiakóvski e uma leitora em 'A Pienos Pulmões'

Foto: Luciane Probst/Thalassos

Para Alvim, não se trata de uma crítica a movimentos de esquerda ou de direita, mas à política como um todo.

"Tudo é sobre o poder e a acumulação de cadáveres", diz ele, que cobre o palco com obras de artistas massacrados pelo regime —ainda que o apoiassem.

À esquerda, uma reprodução de "Monumento à Terceira Internacional", escultura de Táiín. Ao fundo, "Quadrado Negro sobre Fundo Branco", de Malevich, é tanto o ícone da arte suprematista como metáfora da piscina, coberta com a bandeira socialista para esconder os corpos de vítimas ali acumulados.

COGUMELO

Já "Tchêkhov É um Cogumelo", que estreia em 25/8, resalta a estagnação das personagens de "As Três Irmãs", do dramaturgo russo.

O diretor André Guerreiro Lopes trabalha com a memória, colocando em cena três gerações de atrizes: Djin Sganzerla, Michele Matalon e Helena Ignez (mãe de Djin).

Ele também projeta trechos de uma entrevista que fez nos anos 1990, quando ainda era estudante, com o diretor Zé Celso. O assunto é a versão do Teatro Oficina, de 1974, para a peça de Tchêkhov.

Por último, insere uma chamada performática: o próprio diretor utiliza um capacete com eletrodos, e sua atividade cerebral é transformada em vídeo, projetado sobre o palco —uma forma de ligar, por meio de sua memória, toda essa linha do tempo.

"Tudo isso para falar do agora", explica o diretor, que compara o estado de apatia das três irmãs tchekovianas com o Brasil atual. "A gente está passando por um momento confuso, de transformações que não são claras."

KIEV

QUANDO sex. e sáb., às 21h; dom. feriados, às 18h; até 10/9
ONDE Sesc Ipiranga, r. Bom Pastor, 822, tel. (11) 3340-2000
QUANTO R\$ 9 a R\$ 30
CLASSIFICAÇÃO 14 anos

A PIENOS PULMÕES

QUANDO sex., sáb. e seg., às 20h; dom., 19h; até 18/9
ONDE CCBB, r. Álvares Penteado, 112, tel. (11) 3113-3651
QUANTO R\$ 20
CLASSIFICAÇÃO 12 anos

TCHÊKHOV É UM COGUMELO

QUANDO sex. e sáb., às 21h; dom., às 18h; de 25/8 a 8/10
ONDE Sesc Consolação, r. Dr. Vila Nova, 245, tel. (11) 3234-3000
QUANTO R\$ 12 a R\$ 40
CLASSIFICAÇÃO 14 anos

IL VOLO

UNA NOITE MÁGICA
TRIBUTO AOS TRÊS TENORES
COM GRANDE ORQUESTRA

21, 23 E 24 DE SETEMBRO

POLADIAN PRODUÇÕES

www.poladian.com.br

A NIGHT WITH THE BEST OF
IL DIVO

14 E 15 DE OUTUBRO
ESPAÇO DAS AMÉRICAS

POLADIAN PRODUÇÕES

www.poladian.com.br

Tchekhov LIGAÇÕES FAMILIARES

Helena Ignez e a filha Djin Sganzerla reúnem-se em peça que estreia hoje no Cena Brasil e segue no CCBB

NELSON GOBBI
nelson.gobbi@oglobo.com.br

Mãe e filha, Helena Ignez e Djin Sganzerla têm um longo histórico de trabalhos em conjunto. Djin já foi dirigida pela mãe em longas como "Luz nas trevas: a volta do Bandido da Luz Vermelha" (2010), "Ralé" (2016) e "A moça do calendário" (exibido em festivais no ano passado, mas ainda sem data de estreia no circuito). As duas já dividiram o palco em espetáculos da Estúdio Lusco-Fusco, companhia paulistana comandada pela filha, como "Um sonho", "Tragicomédia de um homem misógino" e "O livro da grande desordem e da infinita coerência". No ano passado, as atrizes retomaram a parceria na montagem "Tchekhov é um cogumelo", que estreia hoje no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) do Rio, inicialmente dentro da programação do 7º Cena Brasil Internacional (de hoje a domingo). A partir do dia 20, o espetáculo segue em temporada de cinco semanas no mesmo palco.

Na peça, indicada ao Prêmio APCA de Melhor Espetáculo de 2017, Helena e Djin vivem uma situação inédita em cena: nos papéis de Irina e Olga, elas interpretam uma relação fraternal na adaptação do clássico

"As três irmãs", de Tchekhov.

— Em cena, deixamos de ser mãe e filha e passamos a ser colegas, estabelecemos uma outra relação — observa Helena Ignez. — É maravilhoso dividir o palco com a Djin, que é uma atriz de uma entrega enorme, com uma emotividade à flor da pele, além de muita técnica para controlar esta emoção.

A filha retribui os elogios e destaca as qualidades da mãe, como atriz e diretora:

— Ela é extremamente generosa, seja para dividir a cena ou quando está na direção. Tem um olhar muito atento, sempre dá espaço para que o ator contribua com o trabalho.

INSTALAÇÃO SONORA

As relações familiares não param por aí. Como na maior parte dos espetáculos da Cia. Estúdio Lusco-Fusco, a direção é de André Guerreiro Lopes, marido de Djin. O diretor também participa da ação de forma inusitada: sentado, em silêncio, ele usa um capacete de eletrodos, que capta sua atividade cerebral e a transforma em impulsos elétricos. Estes acionam, em tempo real, uma instalação sonora e visual criada pelo músico Gregory Slivar, com reflexos na cena.

Filha de Helena e do cineasta Rogério Sganzerla (1946-



DIVULGAÇÃO/ANDRÉ GUERREIRO LOPES

No palco.
Helena Ignez,
entre Michele
Matalon e a Djin
Sganzerla, numa
cena de
"Tchekhov é um
cogumelo"

2004), diretor de clássicos como "O Bandido da Luz Vermelha" (1968) e "A mulher de todos" (1969), Djin conta que o trabalho em família traz inúmeras vantagens, embora seja necessário estar atenta aos excessos.

— Seja com minha mãe ou com o André, a comunicação é rápida, direta, tanto pelas nossas afinidades quanto pela paixão pelo trabalho. O lado difícil é que nos envolvemos tanto que continuamos falando e pensando na peça mesmo longe do teatro, nos momentos de descanso. Se descuidarmos, nunca paramos de trabalhar — conta Djin.

Em cena, Helena, Djin e Michele Matalon (que interpreta

Macha), dão vida às irmãs da obra de Tchekhov em uma perspectiva expandida do tempo: diferentemente do texto original, em que as idades não eram muito distantes, as mulheres da adaptação têm quase 20 anos de diferença.

— O espectador pode ver as personagens como as três irmãs ou, em alguns momentos, como três fases da vida de uma mulher — destaca Djin, que encerrou no Teatro Poetira, no último fim de semana, uma curta temporada de "Ilhada em mim — Sylvia Plath", também da Estúdio Lusco-Fusco.

— O texto transpõe a desesperança abordada por Tchekhov para o momento atual; há

um sentido de urgência nessa ponte. Mas acredito que a adaptação aponte uma esperança, uma necessidade de seguir em frente, apesar de toda a apatia que vivemos hoje.

Entre outros elementos cênicos, o espetáculo conta com a projeção de uma entrevista gravada por André Guerreiro Lopes, em 1995, com José Celso Martinez Corrêa, na qual o diretor fala sobre o processo de criação de "As três irmãs" no Teatro Oficina, em 1972, que envolveu o uso de alucinógenos — o que explica, em parte, o título da adaptação.

— A nova montagem mantém essa referência xamânica do Zé Celso, embora o André a

tenha levado adiante, ao agregar outros aspectos, como a tecnologia — comenta Helena Ignez, para quem o texto faz um importante paralelo com o feminismo. — Acho que é o movimento mais consistente hoje, e a voz da mulher está cada vez sendo mais ouvida, apesar de todas as dificuldades que ainda enfrentamos. Numa de suas falas, a Olga diz que o caminho que elas abriram vai permanecer. A peça traz esta esperança. ●

"TCHEKHOV É UM COGUMELO"

ONDE: CCBB - Rua Primeiro de Março 66, Centro (3808-2052). **QUANDO:** De hoje a domingo, às 19h, a partir de 20/6 até 22/07, qua. a dom., às 19h. **QUANTO:** R\$ 20.
CLASSIFICAÇÃO: 14 anos.

Conte algo que não sei

'O teatro pode combater o imediatismo tecnológico'

André Guerreiro Lopes, diretor teatral

Paulistano, que veio ao Rio encenar 'Ilhada em Mim - Sylvia Plath' e 'Tchekhov é um cogumelo', trabalha com a interseção do teatro com a tecnologia

"Nasci e cresci na cidade de São Paulo. Sou diretor da Companhia de Teatro Lusco-Fusco, cenógrafo e ator. Trabalho com uma perspectiva da arte como um espaço de encontro de diversas linguagens."

ENTREVISTA A:

EMILY ALMEIDA

emily.almeida@infoglobo.com.br



EMILY ALMEIDA

• Conte algo que não sei.

O grande diferencial do teatro é ser uma arte de corpo presente, temporal e fugaz; ele é o espaço do encontro que acontece entre o ator e o espectador. Há algo que ocorre, vivo e único, a cada noite e que precisa ser reconstruído. Depois disso, aquela encenação só existe na memória de quem assiste, o que é muito bonito. Lembro dos espetáculos que assisti na minha adolescência e tenho memórias absolutamente vivas e possivelmente muito diferentes do que assisti, porque a memória vai recriando e adicionando coisas.

• De que maneira a memória e o tempo se refletem na peça 'Tchekhov é um cogumelo'?

Eles são a matéria-prima do espetáculo, que revisita e constrói memórias para falar do momento presente. Utilizei

minhas memórias, refletidas na projeção de uma entrevista que fiz em 1995 com o ator e diretor Zé Celso Martinez Corrêa. E há também a memória ficcional das três irmãs protagonistas, que lembram o passado e não conseguem desprender-se dele, não conseguem viver o presente.

• Esse apego à memória é prejudicial?

A memória é o que nos constrói como indivíduos. Nós somos as nossas memórias. É por isso que em casos avançados de Alzheimer se perde a noção do "eu". Mas elas também podem ser uma prisão que nos faz não abrir o olhar para as diversas possibilidades. Se nos agarramos às nossas memórias, há camadas que nos impedem de ver a realidade. Mas vivemos em um país sem memória, que não

estimula, que não incentiva. Pelo contrário, há quase que um processo de desconstrução e destruição dela.

• O texto da peça é uma adaptação de 'As Três Irmãs', de Tchekhov, de 1900. O autor continua atual?

O texto é assustadoramente contemporâneo. Nele, o mundo está se desfazendo ao redor de três mulheres e elas não têm a mínima ideia de que caminho seguir, por isso se agarram a uma noção de passado. Para mim, é uma pequena metáfora do Brasil de hoje. Nós temos um mundo em intensa transformação, um mundo concreto e simbólico se destruindo de uma forma muito agressiva. De certa maneira, muitos de nós estamos nesse estado das três mulheres, atônitos, sem saber exatamente que passos devem ser dados.

• A tecnologia tem mudado a maneira como as pessoas consomem a arte?

Se bem utilizada, a tecnologia torna nossa experiência humana mais rica e profunda. Mas temos que lembrar que ela está a nosso serviço, e não o contrário. Com as redes sociais e o imediatismo, as pessoas não doam mais seu tempo às experiências. E é aí que entra uma das coisas mais fantásticas do teatro: ele sobrevive justamente porque possui o que há de mais essencial e ancestral, que é pedir a doação do tempo e recompensar com uma experiência inesquecível. Somente o teatro possui essa função com tamanha potência. Acredito que as outras artes também têm, mas não com essa intensidade. Pode soar como um paradoxo, mas o teatro pode combater o imediatismo tecnológico usando a própria tecnologia.

• De que modo a neurociência participa do seu trabalho?

Como tudo no espetáculo acontece dentro da mente, onde tempo e memória se constroem, materializei isso em cena com um capacete de eletrodos que captam a atividade cerebral. Fico em cena com ele, em estado meditativo. As ondas cerebrais captadas são refletidas em um cérebro 3D, que circula em uma projeção. A imagem acende conforme minhas áreas mentais vão sendo ativadas. A neurociência tenta justamente entender como acontece o funcionamento do cérebro.



'TCHEKHOV É UM COGUMELO'

Concebida por André Guerreiro Lopes, da companhia paulistana Estúdio Lusco-Fusco, a peça mistura ficção, neurociência e memória para retrabalhar “As três irmãs”, de Tchekhov. Em cena, Djin Sganzerla, sua mãe, Helena Ignez, e Michele Matalon, todas de gerações diferentes, criam um jogo cênico que embaralha o tempo: são três irmãs ou a mesma mulher em momentos distintos da vida? “A companhia tem um processo de criação único. Há quem diga que o teatro no Brasil é careta: quero ver o que responderiam diante dessa peça”, diz Sergio Saboya sobre a peça apresentada entre os dias 15 e 17.



André Gueirato/Lopes/Divulgação

Michele Matalon, Helena Ignez e Djin Sganzerla na peça

ESTREIA | Tchêkhov é um Cogumelo

Dramaturgo russo e recursos audiovisuais guiam peça

› Amanda Ribeiro

Comemorando os dez anos da Cia. Estúdio Lusco-Fusco, o espetáculo "Tchêkhov é um Cogumelo" estreia nesta sexta (25) no Sesc Consolação. A peça parte do texto "As Três Irmãs", do dramaturgo russo Anton Tchêkhov (1860-1904), para contar a história de três mulheres acudadas por um mundo em transformação.

Com Michele Matalon, Helena Ignez e Djin Sganzerla, a trama une

diversas linguagens, como dança e recursos audiovisuais, para abordar apatia, medo e desejo de mudança.

Uma entrevista gravada em 1995 com o diretor Zé Celso sobre o processo da montagem "As Três Irmãs", em 1972, no Teatro Oficina, é apresentada na encenação.

Sesc Consolação - R. Dr. Vila Nova, 245, Vila Buarque, região central, tel. 3234-3000. 280 lugares. Sex. e sáb.: 21h. Dom.: 18h. **Estreia 25/8.** Até 8/10. Ingresso: R\$ 12 a R\$ 40, p/ sescsp.org.br | | |

C4 | **Caderno 2** | QUINTA-FEIRA, 27 DE JULHO DE 2017**ARCÊNICO**

JOÃO WADY CURY

E-MAIL: JOAO.CURY@ESTADAO.COM

BLOG: CULTURA.ESTADAO.COM.BR/BLOGS/ARCENICO



Cogumelo multimídia

Vivemos tempos partidos em que ruíram certezas e fórmulas.

Como sempre, o teatro mostra essa imagem e reverbera o caos. Agora são três mulheres, nas peles de Helena Ignez, Djin Sganzerla e Michele Matalon na peça *Tchekhov É Um Cogumelo*, de André Guerreiro Lopes, que estreia dia 25 no Teatro Anchieta. Tem trechos de *As Três Irmãs*, de Tchekhov, e elementos multimídia. Atenção para uma rara entrevista de José Celso, do Oficina, feita em 1995 por Guerreiro Lopes.

ANDRÉ GUERREIRO LOPES



Irmãs. Djin, Helena, Michele

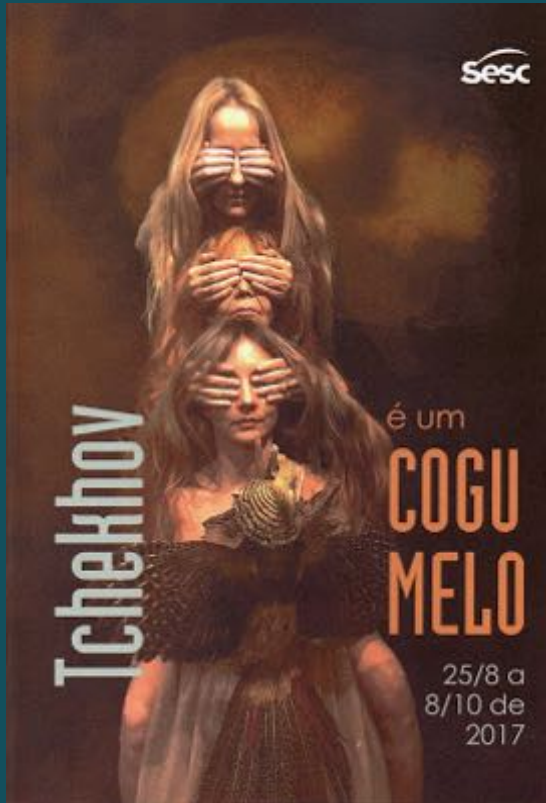
TRAÇOS GERACIONAIS

ANDRÉ GUERREIRO LOPES



Dirigida por André Guerreiro, a peça **Tchekhov É um Cogumelo** propõe uma adaptação de 'As Três Irmãs', famosa obra do autor russo. Djin Sganzerla, Helena Ignez e Michele Matalon estrelam o espetáculo. 120 min. 14 anos. **Sesc Consolação. Teatro Anchieta (280 lug.). R. Dr. Vila Nova, 245, 3234-3000. Estreia hoje (25). 6ª e sáb., 21h; dom., 18h. R\$ 12/R\$ 40. Até 8/10.**

TCHEKHOV É UM COGUMELO



Tempo de delicadeza. Tempo de singeleza. Tempo de beleza. Tempo, tempo, tempo...
1900, ano em que Tchekhov escreve *As Três Irmãs*.



Olga Knipper e Tchekhov em 1901, ano da estreia de "As Três Irmãs" em Moscou.



1972, ano em que o Grupo Oficina monta a peça por apenas alguns dias. (tive o privilégio de assistir a essa montagem, que tinha ar bastante melancólico e triste).



1995, ano em que Zé Celso Martinez Corrêa dá histórica entrevista para um grupo de estudantes de teatro sobre a montagem de 1972.



2017, ano em que André Guerreiro Lopes (um dos entrevistadores de 1995), reúne tudo isso em uma delicada viagem pelo tempo e que resulta em dos mais belos espetáculos presentes em nossa cena: TCHEKHOV É UM COGUMELO.



Em 2010 quando assisti a *Ilhada Em Mim* escrevi: “*Eu queria ter veia poética para poder traduzir com palavras adequadas todas as sensações que tive ao assistir Ilhada em Mim. A encenação de André Guerreiro Lopes é absolutamente sensitiva e fica difícil escrever sobre ela de maneira racional.*” A mesma sensação eu tive ao ver *O Livro da Desordem e da Infinita Coerência* (anterior a *Ilhada Em Mim*, mas que vi posteriormente) e eis que ela novamente se repete com este belíssimo *Tchekhov É Um Cogumelo!* André tem o dom de transformar poesia em ato cênico.

O espetáculo, bastante complexo, coloca em cena literalmente o que se passa no cérebro do encenador mixando de forma extremamente harmoniosa os tempos citados acima. Um ato de “*esculpir o tempo*” como informa o belo e informativo programa.

A mais que lúcida entrevista de Zé Celso serve como guia para o espetáculo sendo intercalada com cenas de *As Três Irmãs* onde Olga, Irina e Masha são representadas com muita sensibilidade por Helena Ignez, Djin Sganzerla e Michele Matalon e as canções são lindamente cantadas por Roberto Moura. Samuel Kavalerski e Fernando Rocha completam o harmonioso elenco. A iluminação de Marcelo Lazzaratto e a trilha sonora de Gregory Silvar embalam suavemente toda a encenação e não contente em esculpir o tempo, Guerreiro Lopes esculpe também o lugar nos trazendo da longínqua Rússia do início do século 20 para as ruas de São Paulo de 2017 por meio da surpreendente participação do *Grupo Embatucadores*. É muita emoção para um espetáculo só!

A peça também comemora os dez anos do Estúdio Lusco-fusco, a companhia teatral criada por Djin Sganzerla e André Guerreiro Lopes.

Cada um à sua maneira, *Tchekhov É Um Cogumelo* e *Boca de Ouro* (direção de Gabriel Villela, em cartaz no Tucarena) são, na forma, os dois mais belos espetáculos em cartaz na cidade, além, obviamente, da qualidade de seus conteúdos.

TCHEKHOV É UM COGUMELO está em cartaz no Teatro Anchieta até 08/10/2017 às sextas e sábados às 21h e aos domingos às 18h.

IMPERDÍVEL!!

27/08/2017

NTOS-5P
XTA-FEIRA
DE OUTUBRO DE 2017
R\$ 124 - Nº 42943
3,00

A TRIBUNA

BOM PROGRAMA TEATRO

A montagem Tchekkov é um Cogumelo chega a Santos para duas apresentações no Teatro do Sesc: hoje e amanhã. Trata-se de uma adaptação de André Guerreiro Lopes de *As Três Irmãs*, que catalisa a tensão social sentida no Brasil, atualizando a obra do autor russo. E tem mais no Bom Programa.



DIVULGAÇÃO

CAROLTA CAFIERO
DIREÇÃO

Diante das tensões sociais, sobretudo aquelas que precedem golpes e revoluções, há artistas que catalisam esses momentos e os transformam em obras atemporais. Foi assim com o dramaturgo Anton Pavlovitch Tchekhov e sua peça *As Três Irmãs*, que estreou em 1901 e se tornou um símbolo do tédio em que estava mergulhada a classe privilegiada russa antes da Revolução de 1917.

Em paralelo com aquela época, a montagem *Tchekhov é um Cogumelo*, adaptação de André Guerreiro Lopes de *As Três Irmãs*, catalisa a tensão social sentida no Brasil, atualizando a obra do autor russo.

O diretor explica: "Tchekhov viveu no nosso momento histórico, em que as pessoas se sentem presas num círculo de angústia e ansiedade em relação ao futuro, enquanto todo o entorno está se transformando".

Adaptação estreou em agosto, em São Paulo, e depois de sete semanas em cartaz no Sesc Consolação, chega a Santos para duas apresentações no Teatro do Sesc: hoje, às 21 horas, e amanhã, às 20 horas. A classificação é de 14 anos.

Tchekhov é um Cogumelo marca os dez anos da Cia Estú-

METÁFORA

O espetáculo não segue uma lógica linear. É uma metáfora para falar do instante, que é o tempo do teatro. A projeção das atividades da minha mente durante a mediação, em cena, são um exemplo dessa plenitude no agora".

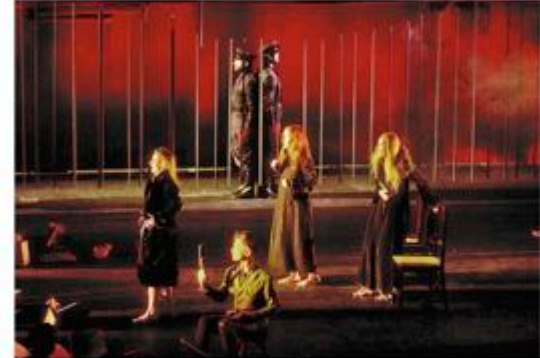
André Guerreiro Lopes
Diretor da Cia Estúdio Lusa Pasco

dio Lusa Pasco, da Capital, por Lopes e sua mulher e parceira artística Djin Sganzerla.

Na adaptação, Djin atua ao lado da mãe, a eterna musa do Cinema Novo e do Cinema Marginal, Helena Ignez, e da atriz Michele Matalon. De diferentes gerações, elas fazem as irmãs Irina, Olga e Macha respectivamente.



Três gerações de mulheres vivenciam angústias do nosso tempo, no Brasil, inspiradas na obra original russa



Com transmissões multitema, peça catalisa as tensões sociais que vivemos aqui, como na Rússia, em 1917

BOM PROGRAMA

FALE COM A GENTE!
Editor: Carla Zampieri (tel. 514 6144)
E-mail: galera@atribuna.com.br
Telefone: 2102-7044

Vampiro sem maldade
O inesquecível Conde Vlad (Ney Latorraca) volta para assustar e divertir o público, mas agora em formato de musical. c-4

Uma obra atemporal, que traduz o nosso tempo

É a peça Tchekhov é um Cogumelo, no Sesc

se mudarem para o interior acompanhando-pai milita "Fazemos uma síntese de personagens e de tudo o que elas vivem, que representamos momento atual. Assim como elas, não sabemos o que o futuro nos reserva, mas sabemos que algo novo está por surgir, que uma nova geração poderá ter renovação e esperança", compara Djin.

ELETRÔDOS
A adaptação usa apenas trechos do texto original. "Si como *hariboi* (poemas japoneses). A matéria-prima de sua montagem não é o texto mas o tempo e a memória explica o diretor.
O nome do espetáculo *Tchekhov é um Cogumelo* é tirado de uma frase dita pelo encenador Zé Celso Martins Corrêa, do Teatro Oficina, em São Paulo, numa entrevista a Lopes, que foi gravada em vídeo em 1995.

Na época, quando ainda era estudante de teatro, Lopes entrevistou Zé Celso sobre a montagem antológica de *As Três Irmãs*, em 1972.

"Esse projeto nasceu das falas em VHS que continuei uma entrevista de 50 minutos com o Zé Celso, num ato de extrema generosidade atendeu a mim e a mais três colegas de curso no Parque Ibirapuera", lembra.

A adaptação do Oficina é um processo de criação original, que fez uso de técnicas nos no processo de montagem, a fim de abrir a percepção para o universo da obra. *Tchekhov é um Cogumelo* não foi tão ouso, mas as projeções da videoentrevista com Zé Celso e de um tipo de interação até então inédita e teatro brasileiro: o diretor Lopes permanece o tempo todo em cena e em estado meditativo, usando um capacete eletrônico que capta sua atividade cerebral e a transfere para em impulsos elétricos.

Como parte de uma instalação sonora e visual criada pelo músico Gregory Silver, e tem as ondas mentais captadas em vídeo e transformadas em frequências que vibram desde poças d'água a sísmos.

"É um teatro sensorial, que tem de ser visto com a mente aberta", avisa Djin, que destaca ainda a participação ao vivo do cantor Roberto Mour interpretando canções do Leto Europeu.

Serviço: RUA CONSOLAÇÃO 198, 198 - SANTOS, INFORMARÇÕES: TEL.: 3378-4400 - INGRESSOS: R\$ 45,00, R\$ 30,00, R\$ 15,00 (CATEGORIA: PLATA)

SÍNTESE

"Esta adaptação é um encontro de três pensamentos. O central faz uma síntese das três irmãs e do que elas vivem. O segundo pensamento é do encenador Zé Celso Martins Corrêa que, em entrevista ao André (Guerreiro Lopes), fala de sua montagem de *As Três Irmãs* em 1972 e isso está na peça. O terceiro reflete sobre o tempo presente e o registro das memórias".

Djin Sganzerla
Mãe e fundadora da Cia Estúdio Lusa Pasco

THOR: O MUNDO DE RAGNAROK
INGRESSOS À VENDA • ESTREIA 26/
PRÉ-ESTREIA GONZAGA • 00H01

ROXY D+
A EVOLUÇÃO
CONFIRA A PROGRAMAÇÃO COMPLETA DA SEMANA
ACESSE: WWW.CINEROXY.COM.BR

12 Guia Folha | 29 de dezembro de 2017 a 4 de janeiro de 2018

melhores de 2017



O Rei da Vela



Boca de Ouro



*Tchékhov É
um Cogumelo e
Vaga Carne*



O REI
DA VELA

Lenise Pinheiro/Folhapress

PEÇA DE TEATRO



Ilustrada

41ª MOSTRA DE CINEMA DE SP

MULHER COM LUZ PRÓPRIA

Figurando em quatro filmes no festival paulistano e com projetos no teatro, atriz e diretora Helena Ignez levanta bandeira das utopias e diz que o mundo 'encaretou'

GUILHERME GONZALETTI
MARIA LUIZA BARSANELLI
em sua edição

Tudo dia Helena Ignez ouve blues e jazz por pouco mais de uma hora, em seu apartamento, no centro de São Paulo. Serve para ventilar as suas práticas de tai-chi chuan e ioga taoista. "Tenho uma relação com cinema", explica. "Sou batiana, né?"

Não por acaso, é pela música que a atriz e diretora, 78, começou a criar seus filmes, como "A Moça do Calendário", um dos quatro em que ela figura na programação da Mostra de Cinema de São Paulo.

Baseado em roteiro detachado pelo cineasta Rogério Sganzerla (1946-2004), com quem ela foi casada por 35 anos, "A Moça do Calendário" é um filme em favor das utopias feministas, racial, social, sexual de que Helena é herself desde os anos 1960. A história segue Inácio (André Góes Lopes), mecânico e dublê de cinema que sonha com a garota que estampa o calendário da oficina onde trabalha (vivida por Dina Sgarbi) e nega-se a ter filhos com ela, a referência, referindo-se a filmes como "Sem Essa, Aninha" e "Copacabana, Meu Amor", atuais influenciados diretamente com o espectador.

"É o filme de uma discípula livre. É feminista", diz ela, que alinha o roteiro a uma crítica referencial ao MST e a reformas trabalhistas e previdenciárias da governadora Jânio.

Também há tintas bem pesadas (já que todo foi filmado no centro de São Paulo) e uma história originalmente ambientada no subúrbio carioca. Tudo acompanhado da seleção musical feita pela diretora, que usou de Pixinguinha a MC Fininho.

No teatro, Helena ainda dá as caras como atriz em "Antes do Fim", filme de Cristiano Banti, e em "O Padre e a Moça" (2014), de Joaquim Pedro de Andrade, exibido em retrospectiva — esse últi-

mo é revisitado no documentário "Todos os Filhos do Mundo", de Rodrigo de Oliveira e Gustavo Ribeiro, sobre a carreira de Paulo José. Já no teatro, divide o palco com o filho Iliu em "Tôchê-kho É um Copacabana", encenado por Guercino Lopes. E, no ano que vem, será uma "virgine glô" na peça "Ritgue", com direção de Banti.

O teatro, sua formação, fez com que ela se interessasse por teatro, performático. Tem uma energia do impulso que é típico do teatro, da atuação.

A MULHER DE TODOS
Vinda de uma família da alta sociedade otopolitana, Helena chamou a atenção pela beleza — chegou a ser candidata a miss Banti. Nelson Rodrigues atenuou ao mesmo tempo o caráter de atriz. "Não é por acaso, não é por capricho, que uma mulher se chama, ao mesmo tempo, Helena e Inácio. Temos Helena, que foi amada por um pouco, e Inácio, que foi amado por um homem", disse o diretor. Mas foi no centro de um movimento vanguardista do cinema e do teatro que surgiu o nome de Helena. Entrou em 1959 com Glauber Rocha (1918-1981), seu primeiro marido, no curta "O Fim".

Então, vamos começar de novo. Helena não tem nada de marginal e seu "A Moça do Calendário" muito menos. É, sim, o filme em que mais demonstra estar à vontade ao trabalhar num regime narrativo em tempo incógnito e distendido. Filme de autora.

A partir das descobertas do mecânico Inácio, fascinado pela imagem da moça cuja foto aparece num calendário, observamos um tanto contido, embora não tudo, cinema, de nossa cidade. Da de novo país? De nosso mundo...
MELISSA SOARES



Acima, Helena em pé de retratos de 1960; abaixo, em seu apartamento no centro de São Paulo

“O meu cinema é teatral, performático, imensamente. Tem uma energia do impulso que é típico do teatro, da atuação”

Tornaria-se depois o teatro de produções do cinema marginal, como a prostituta Jarrete Jane, de "O Bandido da Luz Vermelha" (1968), e a aspirante a cantora Sônia Sila, de "Copacabana Meu Amor" (1976), ambos de Sganzerla, inaugurando uma forma extravagante e debochada de atuar.

O crítico Jean-Claude Berrouard apenas para sua vamp-heraldia de "A Mulher de Todos" (1969) a interpretação "audaciosa" da atriz se aproxima da performance e tropeça com o realismo.

TAPI NA CARA

À reportagem, ela rememora a época do desbunde. "Cinco dias, pensei que bon que vivi 1968. O pessoal era louquíssimo. No meio daquela peça, de repente, todo mundo ficou na. Era uma desencantação total, um tapa na cara extraordinário."

Helena foi uma das poucas que, há mais de 50 anos, lá clamaram por igualdade de gênero e pelo protagonismo feminino. "Foi um dos meus e marca da liberdade. E isso me caracterizou."

Mas dia ter pagado "um pouco caro". Quando era casada com Glauber, encantou a sociedade baiana ao descobrir-se que ela mantinha um namoro com outro homem. Separou-se do cineasta, com quem já tinha uma filha, Paloma, dez anos em 1966. "Foi uma época em que não tinha nem divórcio".

Liberdade, diz, encontrou ao lado de Sganzerla, com quem viveu até a morte do diretor. "Ele acreditou a minha vida para outros colinas."

As coisas foram sua liberdade "muito radical" pelo feminismo, que a levou a Inglaterra e Índia, onde de novo sou o marido. De volta ao Brasil, enquanto passava "uma, quatro horas" fazendo tal chi na floresta da Tibeta, Sganzerla prestou balcão com poeta Waly Salomão. "Ele se distraiu fazendo mundo, vendo o pláscara."

O diretor deturou um acervo de fotografias e filmes que Helena a viajar por festivais. Logo também roteiros nunca filmados que a atriz pretende desmontar.

"Estou com excesso de trabalho", diz ela, que além das crianças próprias, tem o tema de documentário "A Mulher de Luz Vermelha", de sua filha Sônia Sganzerla. Sobre a diversidade de suas obras, diz acreditar "na importância da publicação". "É outro aspecto que não se discute. Vivo do cinema. Preciso desse público."

CRÍTICA

Em 'A Moça do Calendário', Helena se firma como autora

INACIO BRANCO
cineasta e crítico

Há pouco tempo, Alcir Pécora comentou o que considero o professor de letras da Unicamp, é um modo de liberdade atribuído um lugar, mas, ao mesmo tempo, segrega. "Por que não dizer que o prêmio é para uma das maiores atrizes do Brasil?"

Então, vamos começar de novo. Helena não tem nada de marginal e seu "A Moça do Calendário" muito menos. É, sim, o filme em que mais demonstra estar à vontade ao trabalhar num regime narrativo em tempo incógnito e distendido. Filme de autora.

Ali estão as raas de São Paulo, por onde as personagens passeiam barbaletas. Inácio, logo chama o cinema do trabalho boêmio até a peça de montadores de rua que se protegem sob um viaduto. A voz da própria Helena assinala o que quer dizer sem palavras (no que preserva o estilo dos primeiros filmes com Rogério Sganzerla). Para descobrir o trabalho de Inácio, logo chama o cinema patriótico de "subcapitalista", festeja a história do protagonista: está "na base da pirâmide social" desde que nasceu com o pai latifundiário.

A partir desse original parábola, desce-se a precariedade da vida do rapaz. Econômica e alheia: é por uma imagem que se apaixona. Pela típica garota, garota dos sonhos. Com um problema: ela pertence ao mundo das anônimas que não são oferecidas em troca do próprio mundo. Aqui, a garota tem, no en-

tanto, sua realidade: milita no MST. Inácio e seus colegas parecem ter plena consciência dos riscos de presente para os trabalhadores.

Assi pouco, "A Moça do Calendário" expande seu referencial: surgem Zé Borborema, Carmen Miranda, a ambiguidade sexual, o homopatriado urbano típico do subcapitalismo brasileiro.

São signos de um Brasil passado que se tornaram como veneno tóxico mundial explodindo na casa de nossa primeira modernidade. Talvez esse resumo leve a pensar que esse é um filme sério quanto curto. Lentamente, trata-se de uma comédia de leveza sutil.

"A Moça do Calendário" pode ser visto como sátira ao drama social. O certo é que Helena entrou aqui, de forma bem pessoal, ao espírito [patriótico] dos primeiros filmes com Sganzerla. O cinema como exercício de liberdade.

A MOÇA DO CALENDÁRIO
concepção Helena Ignez
direção André Góes Lopes
São Sganzerla
produção Brasil, 2017. 14 anos
duração 102. In 1.19.20. m
distribuição Fim Cinema, via
Cine 18, no Reserva Cultural
avaliação ótimo + + + + +

"TCHEKHOV É UM COGUMELO"

(resenha crítica feita por um espectador arrebatado)

Em carta ao seu principal editor, Suvorin, o escritor russo Tchekhov escreveu, em 1892: "Lembre que os escritores que chamamos de eternos ou simplesmente de bons e que nos inebriam possuem um traço comum e extremamente importante: rumam para um lugar determinado e nos chamam para lá, e sentimos, não com a razão, mas com todo o nosso ser, que eles têm uma meta, assim como a sombra do pai de Hamlet, que não por acaso surgia e sobressaltava a imaginação".

Vasculhando aqui o que possuo de Tchekhov, achei esse trecho (retirado do livro de contos "O assassinato e outras histórias", Cosac e Naify, 2002, p. 251) o que melhor ilustra meu sentimento ao assistir ao espetáculo teatral "Tchekhov é um cogumelo", em cartaz no Sesc Consolação até o dia 08 de outubro: tomou todo o meu ser, deixou-me inebriado e, principalmente, chamou-me a um lugar tão, mas tão mágico, que somente mesmo o cogumelo de Zé Celso - e a genialidade do diretor e de toda a equipe - seria mote para esse espaço-tempo para onde a peça nos transporta.

Concebida e dirigida por André Guerreiro Lopes e com as talentosas e potentes atrizes Helena Ignez, Djin Sganzerla e Michele Matalon (e grande elenco), a peça é inspirada em trechos de "As três irmãs", de Tchekhov, e em uma entrevista concedida por Zé Celso ao então jovem estudante de teatro André Guerreiro.

No vídeo - quase mítico - Zé conta sobre sua experiência com "As Três irmãs" e o uso de alucinógenos. Sentando na grama, ele relembra o momento em que, com um amigo, traçou, no teatro, uma espécie de mandala e se transportou ao universo esotérico das três irmãs; e é a partir daí que embarcamos na viagem que a peça de André nos convida a fazer, de uma forma esteticamente arrebatadora e bela: nós, espectadores, entramos no espaço místico-mítico-espiritual dessas três personagens e, mais do que isso, no espaço místico-mítico-espiritual do zazen (prática que André realiza há anos).

Bem, vamos por partes (ainda que o Tempo não admita essa divisão); primeiro, a incrível percepção do diretor de associar o instante-já (expressão zen clariceana) teatral ao instante-já da meditação zazen: André, conectado a eletrodos que mostram o funcionamento de seu cérebro em tempo real, medita durante todo o espetáculo - ora sentado, ora praticando o kinhin (meditação caminhando); eis que

o criador e diretor do espetáculo nos convida a viajar por seu cérebro criativo, pela alma criativa de Tchekhov e pelo espírito ancestral de Zé Celso (e não é, ancestralidade manifesta em fala e gestos, o que vemos no vídeo exibido durante o espetáculo?).

E nesse impulso cerebral-artístico-cênico nos deparamos com o grande elemento, ao meu ver, desse espetáculo primoroso, tecido por linhas tênues de sensibilidade e emoldurado por delicada e perspicaz tela estética: o Tempo. Melhor, o não-tempo, a não-peça, a não-ação, no sentido zen mesmo do que seja o Tempo. No instante-já teatral, passado, presente e futuro fundem-se, amalgamam-se, coexistem de forma mágica: temos o texto de Tchekhov, escrito em 1900 e encenado pela primeira vez em 1901; a experiência de Zé Celso com ele, em 1972; a entrevista que André fez com ele, em 1995, e o espetáculo "Tchekhov é um cogumelo", em tempo presente. Tudo costurado magistralmente por texto, música, projeções de vídeos (a cargo do querido amigo Ricardo Botini), iluminação, dança, objetos de cena que ganham vida e se ressignificam de forma epifânica.

Assim, um grande elogio ao Teatro se instaura: a eternização de Tchekhov, de Zé, da memória-viva do teatro brasileiro Helena Ignez, e do próprio André (e de todos os que estão envolvidos no espetáculo, inclusive nós, espectadores desse Não-tempo), diretor que teve a coragem de se vasculhar em Tempo-alma para presentear a todos com seu instante-já poético.

As almas solitárias das três irmãs ecoam etéreas e intensas em gestos carregados de arte butô, em músicas carregadas de ondas cérebro-poéticas, em composição cênica que ganha vida com uma sutileza tão encantadora que, a nós, presenteados, resta entregarmos de corpo e alma a esse encanto.

Relembrei os quase três anos em que pratiquei o zazen no zendo de Monja Cohen; relembrei "A Gaivota", de Tchekhov, que há três anos trabalho com meus alunos de 14 anos (e que me perguntam: "Nossa, você não se cansa de ler tantas vezes um mesmo livro?"; ao que eu respondo: "ele nunca é o mesmo; nem ele, nem eu, nem vocês".) E é esse espaço da atemporalidade literária, artística, existencial, onde vida, morte e amor "tchekhovicelsianos" se entrelaçam e se sobrepõem em sons de piões que giram no tempo-já-do-teatro-mágico, que encontrei a inspiração para escrever esse texto, por meio do qual convido a todos a assistirem ao espetáculo "Tchekhov é um cogumelo", cujo final nos dá o assombro da boa amarração dramática dessa peça impecável: os batuques do grupo Embatucadores nos mostram que Teatro se faz assim, no visível que se torna invisível, pois são essas ondas que nos fazem viajar pela alma da Arte, com A maiúsculo, e em Tempo!

Resenha Critica do jornalista Steve Berg - 5 de Setembro de 2017

Talvez a mais surpreendente de suas muitas e prazerosas sutilezas seja o fato de que “Tchekhov é um cogumelo” transporta desde o início o espectador para uma câmara de ressonâncias sonoras e visuais dentro da qual bailam, brilham, conversam, tilintam e batucam um dos grandes clássicos da dramaturgia russa; dois diretores brasileiros de invulgar grandeza e talento (Старое и новое); um trio de atrizes cujas máscaras e corpos em movimento operam verdadeiros sortilégios; e uma companhia de atores dedicados em constante circulação.

Desde O sonho (o primeiro espetáculo do Estúdio Lusco Fusco, em 2007), a imaginação de André Guerreiro Lopes reflete uma paixão e um respeito pelo teatro e todos os seus elementos constituintes que vem se traduzindo, ao longo dos dez anos de existência, em uma sucessão de joias dramáticas. No entanto, o maior feito dessa nova encenação é conseguir, sem chavões e sem palavras de ordem esvaziadas de qualquer sentido ou sentimento que não a mera contrariedade, a proeza de iluminar através da arte o presente político da nação com gestos e palavras de um passado não menos conturbado do outro lado do mundo e da história. Não é pouca coisa.

“Tchekhov é um cogumelo” será para sempre um espetáculo memorável por ter logrado evocar algo como o mais auspicioso e alvissareiro dos alinhamentos planetários, uma coisa da ordem estelar, da iluminação mesmo (onde há Helena há LUZ). A imaginação tecnológico-budista de André Guerreiro Lopes mescla memória e desejo a imagens poderosas e sempre oníricas postas em cena por um brilhante elenco encabeçado por Helena Ignez, Djin Sganzerla e Michele Matalon para oferecer ao espectador uma sofisticadíssima releitura de um dos mais importantes dramaturgos da história do teatro universal. Corram até o Sesc Consolação! Vida longa ao Estúdio Lusco Fusco!

Resenha Crítica do diretor e dramaturgo Aimar Labaki – 1 de outubro de 2017

Futuro que não é construído com pedaços do passado é fantasia - e não serve para novo passado. "Tchekov é um Cogumelo", espetáculo construído sob a batuta de André Guerreiro Lopes, é síntese das boas, daquelas que são uma nova tese, pronta a ser contestada e servir de passado para um outro futuro.

A partir de suas experiências com Zé Celso, Bob Wilson, meditação e o teatro sem mediação, elaborou uma dramaturgia cênica com o rigor e a opção pelo Belo da escola de Wilson (e seus diluidores in terra brasilis, o que inclui o próprio em sua atual fase invernal) e a pulsão de vida dionisíaca, típica do Zé Celso que pontua a apresentação com um depoimento em vídeo colhido nos anos 90.

Como sabe a diferença entre Artes Plásticas e Teatro, Guerreiro não teme o fluxo do dia e sabe que a cena só acontece se tiver carne em cena, isso é, atores. Helena Ignez, Djin Sganzerla e Michele Matallon alcançam aquele grau de excelência que se pôde observar, há alguns anos, em Isabelle Hupert ao sobreviver a um Heiner Muller tangenciado por Wilson - são tecnicamente irrepreensíveis e não saem um milímetro do pedido pelo encenador, mas ocupam o pedaço que lhes cabe no palco com uma humanidade e animalidade, isto é, com uma vida, que faz toda a diferença.

Ficam só mais duas semanas no SESC Anchieta. Mas já tem lugar certo na minha memória - e, ousar dizer, na memória de nosso teatro.